O RIO ARAGUAIA

INTRODUÇÃO

PE. RODOLFO FERREIRA DA CUNHA

Depois de uma visita que, com alguns amigos, fiz ao rio Araguaia, impressionado com as paisagens que vira naquela natureza virgem que eu contemplava por vêzes embevecido, apaixonado pelas praias de alvas areias em que dormi tantas vêzes, vivi dias e dias com a doce recordação daquela semana de indizível gôzo, na contemplação exclusiva daquele ambiente que se resumia em três quadros — a verdura da mata, a grandiosidade do rio e o azul de safira do céu da pátria.

Por mais que me dedicasse aos labôres diários, por mais esforços que fizesse sôbre a imaginação, sôbre o espírito e o coração, não me podia esquecer do Araguaia, das matas do Araguaia, das praias do Araguaia, do céu do Araguaia. As saudades do Araguaia tornaram-se uma forte obsessão de que não encontrava meios de me libertar.

Era preciso voltar! E uma visita igual à primeira não me podia satisfazer: era preciso mais! Era preciso percorrer o rio dos meus sonhos, era preciso contemplá-lo todo, não prêso às brancas praias que o enfeitam de prata, mas contemplá-lo ao longo de todo o seu curso, andando com êle passo a passo, em embarcações pequenas que viajassem devagar, para fartar a vista e saciar o coração sedento daquelas belezas que eu mal vira no passeio realizado.

A Providência, sempre boa e generosa, mostrou-me um apaixonado como eu pela viagem do Araguaia. Era um dos companheiros do passeio de novembro, o Sr. Dr. Neme da Silveira, destacado cirurgião-dentista e uma das figuras de mais projeção da cidade de Ipameri, Estado de Goiás, onde morávamos.

Organizado o plano da viagem, começamos os preparativos. Os nossos comuns amigos de Ipameri procuravam assombrar-nos, exagerando os mil e um perigos que correríamos na viagem. Prevenimos tudo, especialmente uma farmácia completa, que não chegou intacta

a Belém, porque o Dr. Neme distribuiu todos os medicamentos com os pobres das margens do Araguaia, durante a viagem. Roupas especiais, armas indispensáveis, seguros contra acidentes, tudo foi previsto e executado.

E a 20 de julho de 1957, partíamos de Aruanã, antiga Leopoldina, com passagens até Chambioá, em uma lancha a gasolina, entre êles chamada *penta*, de 6 a 7 metros de comprimento, sem nenhum confôrto, inteiramente entregues à misericórdia divina. Dormia-se nas areias do rio, em cama que cada um fazia a seu bel-prazer.

Em Chambioá deixamos a primeira lancha, o *Planalto*, e embarcamos no *Monte Castelo* até a região das cachoeiras, onde tivemos de escolher entre uma velha estrada de ferro de 65 km. e um caminhão que margeava o Araguaia e suas terríveis cachoeiras. De caminhão fomos até Alcobaça, hoje Tucuruim, já no rio Tocantins, e daí seguimas no 3º barco, o *Iemenjá*.

E enfim chegamos a Belém do Pará, tendo percorrido quase 500 léguas em 27 dias de penosa e ao mesmo tempo deliciosa viagem de que não me esquecerei nunca, em todo o resto da minha vida.

E que alegria, que felicidade, que entusiasmo, quando, o nosso barco acostou ao cais da capital do Pará! Foi um dêsses momentos que se sentem, mas não se descrevem.

O ARAGUAIA

Impossível fazer uma idéia justa da beleza, da grandeza, do encanto do rio Araguaia.

Tributário do Tocantins, um dos mais importantes afluentes do majestoso Amazonas, prende muito mais os espíritos e os corações do que o grandioso rei dos rios.

Terá o Amazonas mais grandeza, mais suntuosidade, mais volume, mais majestade, mas as praias do Araguaia, suas finas areias de prata, suas ilhas de paisagens sempre diferentes e sempre novas têm um encanto que não se descreve, uma magia que não se traduz em linguagem humana: é uma beleza ímpar, dessas que nos ficam indelèvelmente prêsas na retina, revivendo e reavivando sonhos que eternizam saudades infindas.

Muito se tem escrito sôbre o Araguaia, a sua fauna, a sua flora, as suas praias, as suas paisagens, as suas feras, os seus índios. Ninguém entretanto se manifestou tão apaixonado pelo Araguaia, como o general José Vieira Couto de Magalhães, que idealizou fazer dêle o mais importante rio do Brasil, base segura do desenvolvimento e prosperidade da terra goiana, onde o ilustre general tinha prêso o seu grande coração.

Presidente da Província de Goiás nos tempos do Império, imaginou um Araguaia francamente navegável, desde Belém do Pará até os últimos confins da Província, desenvolvendo, assim, um intensíssimo comércio entre aquela capital e as Províncias ribeirinhas, isto é, Pará, Mato Grosso e, sobretudo, Goiás que êle queria elevar aos cornos da lua.

Para isso conseguiu do govêrno geral uma verba de 73 contos com que iniciou a navegação do Araguaia. Ainda existem no pôrto de Aruanã as carcaças quase desfeitas dos três navios *Colombo, Araguaia* e *Mineiro,* triste lembrança do patriótico empreendimento do general Couto de Magalhães.

Não pesou bem o ilustre bandeirante das águas a dificuldade de abrir um canal de mais de 30 léguas, entre os rochedos quase compactos que obstruem o leito do rio, desde Chambioá até Tucuruim, antiga Alcobaça.

Fazia parte do seu colossal, mas inexequível plano, fazer de Leopoldina, atual Aruanã, Capital de Goiás, pôrto principal da navegação do Araguaia e uma grande cidade do *hinterland* brasileiro.

A desastrada queda do seu notável sonho fêz que o Araguaia, apesar das suas admiráveis belezas naturais, seja ainda hoje um rio completamente inculto, e Leopoldina, a sua capital ideal, não passa de uma pequena aldeia, insignificante pôrto de pequenos barcos a gasolina, que ali chamam *penta.*

No seu entusiasmo pelo rio querido, deixou escritas no livro — *Viagem ao Araguaia* — belas e sugestivas páginas, interessante caleidoscópio das maravilhas inenarráveis do rio.

Sentado às vêzes nas areias das praias, tão alvas como as nossas dunas do Nordeste, olhando embevecido aquelas águas que desciam suavemente rumo ao rio-mar, murmurava eu, de mim para mim, parafraseando Couto de Magalhães: Qual será o futuro do Araguaia, quando os governos de nossa pátria cuidarem menos de política mesquinha e mais dos problemas que possam engrandecer êste vasto país? quando os governos se resolverem a dinamitar as pedras das cachoeiras do Araguaia e do Tocantins, para assegurar navegação franca até o sudoeste de Goiás?

Compare-se o Araguaia com os mais importantes rios da Europa culta — o Reno por exemplo. Que belas paisagens nos mostram os seus navios, entre Wiesbaden e Colônia! Os castelos e os conventos da Idade Média nos encantam a vista de um e do outro lado do rio, onde se vê bem clara a transição para a Idade Moderna, com tôdas as maravilhas dos descobrimentos do século XVI.

Tudo isso, que é diante da grandiosidade selvagem e virgem do Araguaia?

Permiti mais uma citação de Couto de Magalhães: "O Araguaia

em si e nas perspectivas que possui é o mais belo rio do Brasil. Rio das fadas, atravessando com sua imensa caudal, de sul a norte, o país das maravilhas! Não há hipérbole nessas palavras, nem espírito preconcebido por taras ancestrais".

E acrescenta ainda: "Um estrangeiro frio como um *ice-berg* da sua pátria nórdica inflamou-se todo em vocábulos estrangulados de admiração. Dizia que à noite sentia o pêso da sombra do sertão inteiro cair-lhe sôbre a cabeça. E chorava sem saber por que. Pela madrugada despertava com o canto dos pássaros, com o barulho do rio e com a profunda luminosidade que lhe penetrava a alma e o fazia cantar e rir".

Para melhor sentir a majestade e grandeza do Araguaia, seria preciso sentar-se à borda de uma dessas *pentas* ou lanchas de gasolina, à hora misteriosa do pôr do sol, ou quando à noitinha se desenha nas águas a esteira da luz prateada da lua. Parece que o rio tem alma e que a alma do rio fala à alma da gente, contando a sua vida oculta, as suas lutas com a natureza e os homens, os seus mistérios insondáveis, semelhantes aos mistérios do infinito. Dessem os governos ao Araguaia uma feição turística decente e fácil e seria êle o mais conhecido, o mais viajado dos rios do Brasil.

Não têm conta mesmo assim, como é, as caravanas que de Goiás, do Pará, de Mato Grosso e até do Ceará vão ver e gozar de perto as belezas do Araguaia.

Entre os mais notáveis, os príncipes D. Pedro de Orleans e Bragança e espôsa, partindo de Cuiabá, chegaram por terra ao pôrto de Baliza, no Alto Araguaia, e desceram pelas águas do grande rio, levados pelo barqueiro João Monteiro Pires.

*
* *

Quem primeiro visitou o Araguaia foi Gonçalo Paes com Manuel Brandão, que partiram do Pará, em 1669, e chegaram até perto da ilha do Bananal. O 2º foi Diogo Pinto de Gaia, alguns anos depois, chegando até a grande ilha, donde voltou ao Pará. O 3º, segundo Pizarro, foi Manuel Correia, que subiu o Araguaia em 1790 e apresentou relato dessa incursão. O 4º foi o Capitão General João Manuel de Menezes, que, em obediência a uma Carta Régia, subiu o Araguaia até à altura de Vila Boa de Goiás, antiga capital do Estado.

Erra, portanto, o francês Castelnau, quando afirma que foi o 1º explorador do Araguaia, em 1844. O precursor da navegabilidade do Araguaia foi D. Francisco de Assis Mascarenhas, que fêz uma grande tentativa, com enorme carregamento de cargas e passageiros, escapando milagrosamente de morrer afogado nas proximidades do rio do

Peixe. Com o fracasso dessa incursão, desistiu definitivamente dêsse ideal.

Mais séria foi a tentativa de Couto de Magalhães que conseguiu chegar com 3 navios e algumas chalupas a Leopoldina, mas teve de fracassar também, porque a destruição das cachoeiras do baixo Araguaia e do Tocantins estava acima das fôrças e possibilidades do govêrno de então.

É, entretanto, muito navegado por pequenos barcos a gasolina, *pentas*, que vão de Pôrto Baliza, no alto Araguaia, até Belém do Pará, desviando entretanto as cachoeiras do Tocantins por uma ferrovia de 65 quilômetros e também por uma rodagem que marginam o rio na altura dos maiores perigos.

De Tucuruim a Belém não há mais cachoeiras: rio largo, navegação franca; mesmo para barcos maiores.

*
* *

Nasce o rio Araguaia junto ao Morro Vermelho, na Serra Selada ou das Divisões, e tem um curso de 2.667 quilômetros, dos quais são navegáveis por *pentas* 1.300 km.; desde o Registo do Araguaia até começar a região das cachoeiras em Chambioá.

O Araguaia despeja no Tocantins, na época do verão, 763 m3 de água por segundo e 7.631 na estação das chuvas. Em seu leito são encontradas lindas pérolas e conchas.

A sua foz apresenta uma particularidade notável: suas águas correm 130 quilômetros, até a cachoeira do Tauiri, sem se misturar com as do Tocantins. Seguem paralelas as duas correntes, bem diferentes pela côr das águas, até que na convulsão da cachoeira se confundem e se misturam.

*
* *

A cêrca de 50 léguas ao norte de Aruanã, o Araguaia, cuja largura média é de 1.600 metros, divide-se em dois braços que se juntam muito ao norte, formando à ilha de Bananal, de 20.000 km2, a maior ilha fluvial do globo, segundo Elisée Réclus. O braço menor, também chamado Carajaí, ou ainda rio dos Javaés, tem 276 mts. de largura. O braço maior, ou Mãe do Rio, ou simplesmente rio Araguaia, tem 300 mts. de largura. Infelizmente o braço menor está sendo obstruído por areias e troncos de árvores.

A ilha de Bananal, de terras fertilíssimas, na época das chuvas,

fica, em mais da metade de sua superfície, coberta d'água, o que lhe tira em grande parte a habitabilidade e a importância.

É ocupada, na parte habitável, pelos Javaés, índios mais ou menos domesticados.

Tem a ilha cêrca de 80 léguas de comprimento e menos da metade de largura.

Tem o Tocantins 2.200 km. de curso, sendo portanto o Araguaia maior do que êle 400 km. Daí a opinião de que houve êrro geográfico em considerar o Araguaia afluente do Tocantins. Outras vantagens tem ainda o Araguaia sôbre o Tocantins: 1º) Conserva no verão muito maior volume dágua que o rio considerado principal; 2º) É mais reto na direção do seu curso dágua que o Tocantins; 3º) As deliciosas e belas praias do Araguaia são ricas em tartarugas, tracajás e outros quelônios que o Tocantins não tem; 4º) As conchas e pérolas do Araguaia mostram que êle é, em tudo, superior ao Tocantins e, portanto, é por todos os direitos o rio principal.

* * *

Engrossam as águas do Araguaia os seguintes afluentes, além de muitíssimos outros: *Caiapós,* no Estado de Goiás; *Areias,* em Goiás; *Claro,* em Goiás; *Mutum,* em Goiás; *Água Limpa,* em Goiás; *Rio Vermelho,* que banha a velha cidade de Goiás, antiga capital; *Peixe,* em Goiás; *Crixá Grande,* em Goiás; *Xixá,* em Mato Grosso; *Cristalino,* em Mato Grosso; *Rio das Mortes,* em Mato Grosso; *Tapirapé,* em Mato Grosso, com uma tribo de indígenas às suas margens; Rio do *Côco,* em Goiás; *Piranhas,* em Goiás; *Barreira,* em Goiás; *Pau d'arco,* no Estado do Pará; *Lontra,* em Goiás; *Corda d'água,* em Goiás; *Saranzal,* no Pará; *São Martinho,* no Pará; *Pedra de Amolar,* em Goiás; *Bacuri Grande,* no Pará; *Bacurizinho,* no Pará; rio das *Cobras,* em Goiás.

O Rio das Mortes, o maior afluente do Araguaia, vem do Estado de Mato Grosso e desemboca defronte da ilha de Bananal. Seu nome lembra uma horrível carnificina entre aventureiros, no tempo da mineração de ouro. As suas margens são o foco principal dos terríveis índios Xavantes, que matam todos os brancos por ódio à raça, não obstante centenas de tentativas que se têm sucedido, não só da parte do govêrno, industriadas pelo ilustre Marechal Cândido Rondon, mas também por parte dos religiosos de S. Domingos que têm sido incansáveis nos esforços de captar a confiança e amizade dos ferozes Xavantes. Pode ser que, no futuro, se consiga mais alguma cousa...

*

* *

Os principais povoados à margem do Araguaia são *S. Rita do Araguaia* (Goiás); *Alto Araguaia* (Mato Grosso); *Baliza* (Goiás); *Aragarças* (Goiás); *Barra das Garças* (Mato Grosso); *Registo do Araguaia* (Mato Grosso), sede de uma prelazia salesiana sufragânea de Cuiabá; *Araguaiana* (Mato Grosso); *Aruanã,* antiga Leopoldina (Goiás); *Cocalinho* (Mato Grosso); *Bandeirantes* (Goiás) com umas 70 casas, igreja, grupo escolar, campo de aviação; São Félix (Mato Grosso) com 100 casas, capela em construção; *S. Isabel* (Mato Grosso), colônia federal da *Proteção aos Índios,* com fazenda de gado de 1.600 rêses, para fornecer leite e carne aos índios, sendo responsáveis êles pela cultura dos cereais; *Mato Verde* (Mato Grosso) com 100 casas; *S. Teresinha* (Mato Grosso) com igreja e grupo escolar; *Furo de Pedras* (Mato Grosso); *Barreira de S. Ana,* fundada em 1897 por Fr. Gil, que resolveu mudar-se para mais adiante, em vista de uma inundação que estragou tudo; *Araguacema* (Goiás) com 400 casas, prefeitura, pois que é sede de município, casa paroquial pertinho da igreja, que obedece à orientação dos franciscanos americanos da prelazia de Cristalândia (Goiás). Araguacema tem boa xarqueada que mata 50 bois por dia. Os franciscanos esperam frades e freiras dos Estados Unidos, para instalarem colégios e darem combate sério ao protestantismo, pois que a cidade tem apenas duas famílias católicas; *Conceição do Araguaia* (Pará), sede de uma prelazia de Dominicanos, que aí mantêm colégios para os dois sexos. Foi fundada por Fr. Gil de Vilanova que celebrou a primeira missa, à imitação de Fr. Henrique de Coimbra, debaixo de um piquizeiro que ainda existe diante da casa que serviu de igreja até à construção da Catedral atual. Tem boas casas de comércio, bom movimento social e comercial, muita rivalidade com Araguacema, que com certeza vencerá, a julgar pela tenacidade dos franciscanos americanos; depois de Conceição do Araguaia, *Pau d'arco,* pequeno povoado de menos de 20 casas, população católica, com uma igreja em construção; em seguida vem uma jóia de alto valor, que se chama Chambioá (Goiás), com apenas quatro anos de existência. Começou pelo descobrimento de uma mina de cristal em terrenos da fazenda Chambioá. Choveram garimpeiros em busca da mina e hoje é um aglomerado de mais de mil casas, com três farmácias, médicos, advogados, operariado organizado, diversos sobrados, bom movimento comercial. Pela bondade, simpatia e operosidade dominam nessa interessante cidade o farmacêutico Paulo Freire de Lima e sua Exma. espôsa.

Depois de Chambioá aparecem os pequenos povoados: *S. José* (Goiás); *S. Paulo* (Goiás); *Campina* (Pará); *Apinagés* (Goiás), im-

portante garimpo de diamantes, com muito movimento e casas ordinárias. Aparece então *Araguatins* (Goiás), sede de município de pouca importância. Termina a série dos povoados do Araguaia com *S. João do Araguaia*, antigo São João das Duas Barras, justamente na confluência do Araguaia com o Tocantins, perdendo aí o seu belo nome — o nosso querido *Araguaia*. Daí em diante as diversas cidades ribeirinhas não são mais banhadas pelo Araguaia e sim pelo Tocantins. Entre as principais contam-se *Marabá*, com grande comércio de babaçu e castanhas, *Tucurium* (Alcobaça), *Baião*, *Mocajuba*, *Cametá*, prelazia, a mais importante cidade do Tocantins, *Igarapé-mirim*, *Abaeté*, *Belém*, tôdas no Estado do Pará.

*
* *

São as seguintes as cachoeiras que se encontram no curso do Araguaia, a partir de Chambioá, até a sua foz no Tocantins: *S. Miguel*, com 18 km. de corredeiras, *Carreira Comprida*, *Samaúma*, *S. José dos Martírios*, *Santa Cruz*, *Santa Isabel*, com 30 km. de extensão, compreendendo: *S. João*, *Três Bôcas*, *Papagaio*, *Mangoari* e *Sobradinho*. As últimas, *S. Bento* e *Carmo*.

No Tocantins com o Araguaia, de Marabá a Belém: *Bacabal*, *Mãe Maria*, *Tauirizinho*, *Sêco Grande*, *Tauiri Grande* (que se compõe de: *Convenção*, *Praia Alta*, *Samaúma*, *Paraquaquara*, *Bagagem*, *Correiinha*, *Correão*, *Ananaz*, *Papagaio* e *Urubu*). Vem depois o *Canal do Inferno*, que se compõe de *Varadouro dos Mineiros*, *Fuso das Moças*, *Capitariquara*. Após estas, vem *Itaboca*, que se compõe de *Tucumanduba*, *Breu Branco* e *Vida Eterna*, sem falar em outras menores.

*
* *

Os principais indígenas das margens do Araguaia são os Carajás, os Javaés e os Tapirapés: os primeiros ao longo de todo o rio; os segundos, principalmente na ilha de Bananal; os últimos, ao norte da ilha, lado esquerdo, onde desemboca o rio Tapirapé.

1º — *Carajás*. Não são tupis, nem gês, mas de uma tribo vinda da Guiana. São de fácil acomodação às normas civilizadas dos brancos e têm muita habilidade na fabricação de utensílios domésticos: fazem louças, panelas, bacias, pratos, botijas; fiam e tecem o algodão; fazem rêdes, pulseiras, jarreteiras, com que se enfeitam. Têm *algum* pudor, de sorte que não andam em nudez total, mas com uma tanga de fibra vegetal, sobretudo as mulheres.

Nota-se bem que os Carajás vão diminuindo, como os Caiapós,

que desapareceram de todo. Calcula-se o número atual de Carajás em 700, ao passo que, em 1845, eram mais de 7.000, como diz F. Castelnau.

2º — Os *Javaés*. Dominam a ilha de Bananal. Moram à direita do braço principal, sempre precavidos contra os terríveis *Canoeiros*, que vivem para o lado de Amaro Leite e Descoberto. Os Javaés são da raça dos Carajás: mesma língua, mesmos costumes, embora mais selvagens, mais ferozes. Têm havido muitas tentativas de aproximação da parte dos brancos, mas com pouco resultado. D. Domingos Carrerot, prelado de Conceição e bispo de Pôrto Nacional, fêz diversas entradas em busca dos Javaés, tratando-os sempre com muito carinho. Pouco resultado tirou e contraiu doenças que o levaram ao túmulo.

3º — Os *Tapirapés*. São inferiores em adiantamento aos Carajás, de quem são figadais inimigos, porque lhes raptavam as mulheres. Vão também diminuindo de número, prevendo-se que em breve tempo será mais uma raça desaparecida. Habitam a margem esquerda do Araguaia, em Mato Grosso, ao longo do afluente Tapirapé, onde se encontram os seus nomes, as suas tabas, as suas choupanas.

Nas proximidades da margem esquerda do Araguaia, ao longo do Rio das Mortes está o atual reduto dos Xavantes, que se têm afastado cada vez mais do Araguaia, por ódio à civilização, ao elemento branco.

Havia ainda, até muito pouco tempo, muitas incursões de outros selvícolas na região banhada pelo Araguaia, o que muito bem se compreende pelo nomadismo peculiar aos indígenas do Brasil.

*
* *

Não seria descabido aqui, nesta pequena monografia, mostrar algo sôbre os três reinos da natureza, mesmo porque aquela região é grande pela natureza, rica pela natureza, bela pela natureza, especialmente pela fauna, a mais estudada, a mais conhecida das três.

Em minérios sabe-se apenas do cristal de Chambioá e que há sérios indícios de petróleo e de ferro, de acôrdo com pequenas experiências realizadas em localidades diversas. Sabe Deus o que ainda mostrará o futuro.

Quanto à flora, é fácil imaginar a que ponto chega a riqueza da região, marginal do Araguaia. Nas cheias anuais a água impetuosa do rio invade a floresta e se emendam e se confundem rio e mata. No verão as águas se retraem e a floresta vence, domina com a exuberância do seu viço enorme.

E são árvores medicinais, madeiras de construção, árvores oleaginosas, palmeiras incontáveis, como ipecacuanha, copaíba, salsapar-

rilha, urucu, baunilha, castanha, seringueira, babaçu, aroeira, cedro, marupá e mil outras impossíveis de enumerar.

E a fauna? Se não é mais rica do que as suas duas irmãs, é pelo menos mais conhecida, está em mais estreito contacto como o caboclo da Amazônia, que tem na mira do seu rifle todos os sêres vivos da região das florestas. É claro que participa em grande parte da fauna amazônica, já conhecida e estudada por bons zoologistas.

Contam-se entre os diversíssimos especímens da região araguaia: *Lontras, Capivaras, Veados* diversos, entre os quais o *Sussuapara galheiro, Antas, Pacas, Cotias, Caitetus, Ariranhanas, Gatos jaguariticas, Porcos, Queixadas, Macacos, Saguis, Tatus, Rapôsas, Tamanduás Bandeiras, Guaribas, Preguiças, Papa-méis, Sanguçus, Coelhos, Cobaias, Preás, Ratos, Camondongos, Coatis, Tartarugas, Tracajás,* outros quelônios e mil animais diversos.

Entre as aves: *Mutuns, Patos* diversos, *Marrecos, Macunas* (patos *Piaus, Papa-terras, Corvinas, Pacus, Jaús, Puraquês, Pintados, Branquinhas, Tucunarés, Piranhas, Sardinhas, Mandins, Lambaris, Jaraquis, Caris, Arraias, Juratingas, Aratanhas, Curimatãs, Piraíbas, Surubins, Piraras, Aracus, Jundiás, Dourados, Jacundas, Traíras* e mil outros.

Entre as aves: *Mutuns, Patos* diversos, *Marrecos, Mãcunas* (patos grandes), *Emas, Seriemas, Araras* diversas, *Papagaios, Periquitos, Mergulhões, Jacus, Galinhas dágua, Coelheiros, Garças, Jaburus, Ciganas, Gaivotas, Cuncas, Maracanãs, Andorinhas, Jaçanãs, Corujas, Gaviões, Bem-te-vis, Sabiás, Sofreus, Inhumas, Tucanos, Caborés, Inhambus* e mil outras.

Entre os ofídios: *Sucuris, Cascavéis, Cobras de fogo, Jararacas, Suracucus, Caninanas, Corais, Gibóias* e muitas mais.

Entre os insetos, o Araguaia, como tôda a Amazônia, é riquíssimo, se é que se pode chamar isso riqueza. O ilustre zoólogo alemão Palace, depois de estudar as produções animais da região amazônica, declarou que a fauna do Amazônas não tem igual no globo.

As principais feras da região araguaia são: *Onças, Lôbos, Chacais, Jacarés, Sucuris, Piranhas, Botos, Pirararas, Cascavéis* e... por que não dizer? os *Xavantes*, que matam e abandonam, como se faz a uma fera qualquer.

*
* *

O Araguaia, o majestoso Araguaia, faz por meu intermédio um veemente apêlo às altas autoridades do país, pedindo que estudem e resolvam os seus grandes problemas.

Ao Governador do Pará, a quem mais de perto interessa o futuro do Araguaia, aos Governadores de Goiás e Mato Grosso, que terão o seu comércio sensìvelmente aumentado, ao Senhor Presidente da República, que supervisiona o progresso de todo o país, ao Congresso Federal, que enche a nossa pátria de tantas leis justas e sábias, a todos êsses poderes o Araguaia pede e suplica que se juntem todos e solucionem definitivamente o seu momentoso caso.

Dinamitem-se as rochas do leito dos ríos Tocantins e Araguaia, e terá o país uma importantíssima via de penetração entre três dos maiores Estados do Brasil.

E aquela região tão grande, tão futurosa e tão promissora e sobretudo tão próxima da linda capital em construção — essa jóia que se chama *Brasília*, — pagará cem por um ao Brasil, por êsse inestimável serviço de prepará-la para as colossais lutas comerciais que se avizinham.

Autoridades supremas da Nação, olhai o mapa do nosso querido país! Olhai com olhos de simpatia o rio Araguaia, e vereis que nêle está um grande futuro para Brasília e para o Brasil!